



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

18038 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT06 - Educação Popular

POR UMA PEDAGOGIA DO SENSÍVEL: O Grupo de Pesquisa Griô e Seu Quefazer educativo

Clara Lua Oliveira Sena - UFBA - Universidade Federal da Bahia

POR UMA PEDAGOGIA DO SENSÍVEL: O GRUPO DE PESQUISA GRIÔ E SEU QUE-FAZER

Clara Lua Oliveira Sena (UFBA)

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo orientar o que já tenho de concreto dentro da minha pesquisa de doutorado, bem como divulgar ainda mais um que-fazer universitário baseado em princípios éticos, estéticos e políticos, que dialogam com as lutas populares interseccionadas por raça, classe e gênero. Portanto, o mote do artigo é o Grupo de Pesquisa Griô: Culturas Populares, Ancestralidades e Educação, suas ações e seus modos de operar o sensível como prática de educação, dentro de uma estrutura que ainda se demonstra enrijecida pelos padrões coloniais. Vale ressaltar que o Grupo Griô está situado na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, campus Salvador.

O interesse pela pesquisa bem como sua divulgação nasce quando ainda na graduação tive contato com o Grupo Griô. O Grupo vem atuando desde 2010 nos três pilares da universidade: Ensino, Pesquisa e Extensão, tanto na graduação quanto na pós graduação. Essas atividades são permeadas de um que-fazer muito próprio, orientadas principalmente pelo fazeres e saberes das culturas populares, bem como suas práticas e suas cosmovisões. Nesse sentido, o grupo vem tecendo ações ao longo do tempo que dialoguem com esses saberes historicamente

subalternizados e os conectando com a construção de uma outra universidade possível.

Esse artigo tem imbricações em um outro artigo produzido por mim, ainda durante a graduação, publicado em 2021 pelo ENECULT (Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura), no qual mobilizo ainda que inicialmente alguns atravessamentos que vivi nas ACCS articulando-os com teoria. As ACCS (Ação Curricular em Comunidade e Sociedade) fazem parte de um projeto da UFBA que tem como finalidade aproximar os pilares extensão-ensino durante as graduações. São disciplinas curriculares com caráter de extensão, que viabilizam intensificar o debate entre aproximação dos fazeres universitários com os fazeres da sociedade fora dos muros.

As potências das ações formativas que o Grupo de Pesquisa Griô alcança, pensando no número de estudantes-pesquisadores já formados, formadores/as e em formação no Griô, suas ações de extensão-pesquisa e a consequente dimensão polifônica do grupo tomando como ângulo inicial de análise as ACCS de culturas populares colocando-as em diálogo com outras experiências formativas é um caminho possível para que possamos construir uma universidade popular, que dialogue com os saberes reais do nosso povo brasileiro.

Nesse sentido, a extensão vem contribuindo para uma formação mais ética, política, poética, estética e humana de pessoas, pesquisadores, educadores e profissionais de diferentes áreas, uma vez que as ações de extensão aqui pesquisados têm caráter interdisciplinar. Cabe ressaltar que a extensão que falamos aqui, praticada pelo grupo, é parte de um modo específico de se pensar e fazer extensão que dialoga diretamente com Paulo Freire e sua concepção de extensão enquanto comunicação e educação problematizadora (FREIRE, 2022).

Se por um lado temos uma estrutura acadêmica científica que ainda se coloca enrijecida pela estrutura colonial prescrita pela modernidade - colonialidade do saber -, projetos como esses propostos pelo Griô tensionam essa estrutura gerando fissuras na ordem imposta a partir de uma outra cosmo percepção de saberes que dialogam diretamente com o povo.

Um outro ponto fundamental é a educação popular e seus feitos por uma mobilização social frente à investida de um estado que também se coloca enrijecido pela estrutura colonial moderna - colonialidade do poder -. Uma vez que esta estrutura ainda impera em diversas instituições sociais, a educação popular historicamente vem possibilitando a partir da educação abrir caminhos e construir alternativas para um processo de contracolônização (SANTOS, 2023).

Apesar de grande parte do movimento educador popular ser realizado no chão dos movimentos sociais, não há em sua práxis antagonismo com a educação

formal (BRANDÃO, [s.d.]), uma vez que o que se visibiliza como fundamental é o que fazer do educador popular e seus desígnios. Neste sentido, práticas como as do Grupo Griô dentro da universidade podem ser caracterizadas como práticas de educação popular.

A extensão popular (BENINCÁ; CAMPOS, 2017) a partir do trabalho feito pelo Grupo Griô com saberes tradicionais e historicamente invisibilizados, subordinados e refutados pela ciência tradicional moderna, vem contribuindo na construção de uma universidade popular amplamente democrática, com a formação de sujeitos/as/es e consequente construção de identidades e desse modo colaborando com o desenvolvimento de toda sociedade. Assim este artigo parte fundamentalmente da aproximação - que vem ganhando força nas últimas décadas - dos elementos cultura, identidade e educação no que tange seus cruzos, suas contribuições e trocas (RUFINO, 2019).

O artigo será dividido em duas sessões de cunho teórico, uma vez que a pesquisa ainda está em sua fase inicial de desenvolvimento, e uma última e breve sessão de conclusão.

2. UMA GIRA PEDAGÓGICA – UMA ÉTICA DO SENSÍVEL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO

O modo de fazer e pensar ciência nas universidades brasileiras ainda corrobora com um modo de pensar ligado à modernidade iluminista, nesta perspectiva há um detentor do saber que o leva ao ignorante, iluminando-o com o conhecimento. Esta lógica eurocêntrica de se pensar a ciência herdada da colonização constitui o pensamento moderno naquilo que chamamos de colonialidade do saber (ABIB, 2019).

A entrada de novas pessoas a partir da política de cotas se configura também na entrada de novos mundos, novos saberes e novas perspectivas para a academia. Se a estrutura acadêmica científica branca, enrijecida pela colonialidade do saber imposta pela modernidade imperava sem muitos questionamentos, agora novos paradigmas de rupturas e fissuras a partir dessa política pública começam a ser discutidos, por exemplo como relata um estudante que passou pela ACCS de culturas populares em artigo publicado de minha autoria (2021):

“A oportunidade de participar da ACCS - Saberes e Fazeres da Cultura Popular, me colocou de frente com outra perspectiva de ensino e principalmente sobre a importância de outros saberes que não o científico autorizado pela academia. Acho importantíssimo, necessário e urgente a existência deste componente na universidade, pois permite a discussão sobre outras epistemologias que estão mais

diretamente ligadas às nossas raízes. E eu como baiano, negro e filho do recôncavo baiano, através das aulas da ACCS pude me sensibilizar e me permiti uma reconexão com minha terra, mesmo vivendo há bastante tempo em Salvador” (MENEZES; SENA. 2021)

Segundo CHAUÍ (2003) “a universidade é uma instituição social e como tal exprime de maneira determinada a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo.” (CHAUÍ, 2003, p.5). Nas últimas décadas, com os movimentos sociais, as populações tradicionais, os confrontos epistemológicos acadêmicos, temos visto cada vez mais uma crescente democrática nas universidades públicas brasileiras e sua constante abertura a novos saberes

Como todo espaço público, a universidade pública também se configura como espaço de disputa. Os discursos e narrativas que ali se encontram tencionam e objetivam perspectivas diferentes uma vez que “não há epistemologias neutras e as que reclamam sê-lo são as menos neutras” (GOMES, 2010, p.493). Nesse sentido, a extensão-pesquisa-ensino não é diferente. Existem muitos quefazeres dentro da academia, e o Grupo de Pesquisa Griô tem como finalidade contribuir para um projeto de universidade popular que universalize os saberes que ainda são invisibilizados na academia a partir de uma visão crítica, social e democrática.

Os anos 1960 foram anos fundamentais para a expansão da educação popular e do fazer extensão popular no Brasil. Entretanto, até os dias atuais a extensão enquanto prática de pesquisa e ensino sofreu mudanças conceituais fundamentais que atravessaram perspectivas políticas diferentes.

No início, a extensão era vista como transmissão vertical do conhecimento, esse quefazer extensionista reforça o caráter elitista da universidade pública e “agrava ainda mais as desigualdades sociais, [...] legitima o contraste das condições existentes entre a restrita parcela populacional que tem acesso ao ensino superior e a grande maioria que é privada dele” (BENINCÁ; CAMPOS, 2017, p.4).

Nesse caminho histórico, a extensão passou por avanços políticos de caráter conceitual e prático, possibilitando que alguns setores da academia compreendam-na nos dias atuais enquanto:

“Um processo educativo e científico, ao fazermos extensão estamos produzindo conhecimento, um conhecimento transformador que correlaciona a universidade e a sociedade. Este conceito apresenta uma extensão universitária democrática, interdisciplinar e integrada com a realidade sociocultural da comunidade” (BENINCÁ; CAMPOS. 2017, p.5)

No campo das experiências em análise neste projeto aprofundamos ainda mais esta perspectiva uma vez que os saberes trabalhados ainda não são amplamente considerados como saberes científicos. Neste sentido propostas como essa, do Grupo Griô, se tornam um quefazer militante dentro de uma estrutura universitária que ainda reproduz veementemente o espólio colonial. Cabe ressaltar que estamos entendendo militância aqui como “Uma forma de produzir conhecimento na academia tão válida e tão científica quanto outras que já existem na universidade” (GOMES, 2010, p.507 e 508).

Um dos campos de atuação dessas culturas populares, ou seja, desse modo de ver e enxergar a vida, que tem ganhado cada vez mais força na luta contra a colonialidade e vem sendo protagonizada principalmente pelos povos contra-coloniais nos seus territórios é a educação popular. A educação popular reafirma saberes outros que a cosmovisão do pensamento colonial não almeja celebrar (SANTOS, 2023). Entendendo aqui a educação popular como uma prática pedagógica heterogênea formada por:

“Um conjunto de atores, práticas e discursos que se identificam em torno de umas ideias centrais: seu posicionamento crítico frente ao sistema social imperante, sua orientação ética e política emancipatória, sua opção com os setores e movimentos populares, sua intenção de contribuir para que estes se constituam em sujeitos a partir do alargamento de sua consciência e subjetividade, e pela utilização de métodos participativos, dialógicos e críticos” (GADOTTI, 2012, p.22)

Dessa maneira, a educação popular se faz como meandro, dispositivo, caminho e fortalecimento de luta na construção da sociedade que queremos construir, podendo estar relacionado a ambientes formais ou não formais de educação, bem como em experiências pontuais ou contínuas, no chão dos movimentos sociais ou fora dele.

Outro ponto importante é que entendemos a partir das culturas populares, seus ritos, festas e celebrações que a aprendizagem e o saber também estão e perpassam no/pelo corpo desfazendo a dicotomia entre cabeça e corpo. Corpos dóceis, enfileirados, sentados em cadeiras são ainda a forma que impera na universidade. Neste sentido para as culturas populares, sentir, suar, se aproximar, abraçar, tocar, são formas tão importantes de aprendizagem quanto pelo cérebro. Experiências como essas aqui apontadas reafirmam a importância deste lugar, a ver em mais um relato de estudante que passou pela ACCS:

“Um lócus que me desperta o sentido de resistência em relação a aspectos do passado onde minha

descendência negra sofreu e cujas consequências ainda reverberam atualmente; e a importância de trazer ao mental, aos olhos, aos ouvidos, à pele, ao corpo os conhecimentos dos meus antepassados.” - Emilia dos Anjos (MENEZES; SENA. 2021, p.13)

Tenho aqui a perspectiva de que a universidade pública deve garantir uma formação de sujeitos. Neste sentido, a construção da identidade da pessoa também é fortalecida e constituída pelos processos formativos vivenciados na universidade dentro e fora da sala de aula.

2.1 Construindo um pensamento ativo do sensível

O pensamento decolonial tem transformado a forma como a história do mundo é narrada e entendida a partir do protagonismo dos povos e culturas socialmente subalternizados, e do questionamento do status quo de cada um deles, confrontando o eurocentrismo e chamando atenção para a pluralidade de conhecimentos e sensibilidades para além do norte global.

Esta tendência universitária moldada nos paradigmas eurocêntricos sofreu nas últimas décadas “alterações que desestabilizaram este modelo de conhecimento e apontaram para a emergência de um outro modelo. Designo esta transição por passagem do conhecimento universitário para o conhecimento pluriversitário” (SANTOS, 2011, p.41). Para Santos o conceito de pluriversidade se dá em torno de uma construção de conhecimento que tem como base uma aplicação social, uma relevância social, com caráter transdisciplinar, e “pela sua própria contextualização, obriga um diálogo ou confronto com outros tipos de conhecimento” (SANTOS, 2011, p.42).

Santos afirma que a extensão é um eixo fundamental para garantir a funcionalidade da pluriversidade uma vez que através dela constituímos uma ecologia dos saberes. Neste sentido a extensão se torna um pilar estratégico na universidade para o confronto de narrativas “no momento em que o capitalismo global pretende funcionalizar a universidade” (SANTOS, 2011, p.73)

Diante disso, os modos de fazer e pensar do grupo de pesquisa griô - garantem um embate contra a monocultura do saber proposta pela racionalidade moderna se valendo da ecologia dos saberes (SANTOS, 2010). A ecologia dos saberes pressupõe um ethos acadêmico cada vez mais plural, diverso, político e a entrada das culturas populares na universidade tem nos mostrado cada dia mais uma forma concreta de garantir isso.

O processo de constituição de sujeitos, e consequente atuação social é um

processo profundo, subjetivo e contínuo. Este processo, que é atravessado por uma série de fatores, é o processo de construção de identidades simbólicas e sociais. Para HALL (2019) este processo vem ganhando força na modernidade no que diz respeito ao tensionamento das lutas de classes, raça e gênero que se interseccionam a partir dos anos 60 nos Estados Unidos e vem ganhando o mundo todo, cada vez mais.

Consequentemente é também o processo de reconstrução de territórios, uma vez que o sentido de território ganha força e expressão no chão da decolonialidade. E na extensão-pesquisa intervém-se nos territórios e por eles é intervinda. Para Milton Santos (2010), lugar/território/cidades são conceitos que se cruzam para emergir sujeitos e saberes, e é também a partir dele que se constitui memória, ação coletiva, culturas, subjetividades.

Neste processo de re-construção epistemológica o corpo vem ganhando também cada vez mais espaço nos processos de aprendizado uma vez que essa re-construção vem para fissurar a dicotomia instituída pela modernidade entre corpo e mente, como dito anteriormente.

Esses saberes ancestrais tem no corpo, na rua, na encruzilhada, a sua experiência e, portanto, é através dele que se aprende e que se ensina. É o que vemos por exemplo manifestado na capoeira; nas cirandas; no samba de roda do recôncavo da Bahia; no maracatu rural de Pernambuco. Aqui o corpo não só aprende, como ele é produtor de conhecimento. Segue mais um pequeno relato de outro aluno que passou pela ACCS:

“A primeira aula já foi uma desconstrução de toda aquela estrutura que são as salas de aulas as quais eu me acostumei durante uma vida estudando. O professor [...] sentado no chão e nos convidando a sentar no chão, como ele, e fazer um círculo em volta de um tambor e de uma maraca. Eu precisei descrever isso porque essa cena me atravessou como nenhum outra experiência já vivida na UFBA. O círculo no chão é muito simbólico, é a quebra de uma hierarquização que, na maioria das vezes, é muito explícita em uma sala de aula e intimidadora...” (MENEZES; SENA. 2021, p.10)

Neste sentido, a organização acadêmica que ainda se configura como espaço privilegiado, organizado pela racionalidade moderna, e ao mesmo tempo expressão da branquitude(GOMES, 2010, p.511), começa a ruir ao ser tensionada por essas narrativas outras. E é nesse ruir que surgem questões como as elencadas por Nilma Lino Gomes em diálogo com Pedro Abib (2010):

“Quais são as possibilidades e perspectivas reais da

universidade, enquanto espaço acadêmico, vir a desempenhar o papel de instituição capaz de articular os saberes oriundos de outras tradições e universos sociorraciais, sem hierarquias e discriminações? A universidade e sua estrutura organizacional, curricular e de poder nos permite isso? Ela é capaz de redefinir-se por dentro?” (GOMES, 2010. p.511)

Perguntas e reflexões como essas não esperam respostas dicotômicas e pontuais entre sim e não. Pelo contrário, exigem uma reflexão processual de como avançamos e conquistamos essas perspectivas contra uma lógica que ainda impera.

3. CONCLUSÃO:

Diante do exposto, acredito que um dos pontos mais fundamentais deste artigo é o projeto Griô, e sua utopia da existência de uma universidade pública amplamente democrática para todos os saberes, uma universidade pública onde falar de saberes científicos e populares, educação antiracista, educação antimachista, entre outras lutas seja pleonasma. Uma universidade construída e solidificada sobre princípios morais, éticos, políticos, estéticos e principalmente afetivos.

Nesse sentido, faz-se necessário assumirmos também a postura de protagonistas e realizadores desse processo de luta. Por fim, o trabalho aqui presente não tem a pretensão de concretizar respostas consideradas como verdades universais. Mas intenciona colaborar com pessoas, práticas, docentes, discentes, instituições públicas - acadêmicas ou não - para que um dia tenhamos a universidade que sonhamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Culturas Populares, Educação e Descolonização. Revista Educação em Questão, v. 57, n. 54, 20 dez. 2019.
- BENINCÁ, D.; CAMPOS. F. S. Extensão Popular: uma proposta transformadora para a educação superior. Dialogia, São Paulo, n. 27, p. 145-156, set./dez. 2017.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Da Cultura Popular à Educação Popular: do ontem para agora.
- CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. Revista Brasileira de Educação, v. 24, p. 5-15, Set /Out /Nov /Dez 2003.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação?. tradução: Rosiska Darcy de Oliveira - 25ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022
- GADOTTI, M. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária:

- conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum, p. 10-32. 2012.
- GOMES, Nilma Lino. Intelectuais Negros e Produção do conhecimento: Algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (orgs). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.
 - HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Ouro. - 12a ed 2a reimp. - Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.
 - MOGILKA, Maurício. A extensão como lugar de potencialização da educação popular. Revista InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v. 23, n. 46, p. 275-288, em 2017.
 - RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.
 - SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, A terra quer. São Paulo: Ubu Editora. 2023.
 - SANTOS, Boaventura de Sousa. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. 2. ed., São Paulo: Cortez, 2011.
 - SANTOS, Boaventura de Sousa Santos. Para Além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (orgs). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.
 - SANTOS, Milton. O lugar e o Cotidiano. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (orgs). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.